

HORIZONTE

Geográfico

O que sobrou da Mata Atlântica?

80% da floresta está nas mãos de particulares

PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS
COMO APROVEITAR BEM A ÁGUA SUBTERRÂNEA



LITORAL PAULISTA
A TRADIÇÃO AMEAÇADA
DAS CANOAS ARTESANAIS

QUESTÃO INDÍGENA
DISPUTA DE TERRAS EM RORAIMA
REVELA CHOQUE DE CULTURAS

ÍNDIA
QUEM QUER CONHECER O PAÍS DOS CONTRASTES?

PERU
AS MONTANHAS MUITO ALÉM DE MACHU PICCHU

20 UMA AMAZÔNIA DIFERENTE

As atenções do Brasil voltam-se para a Raposa Serra do Sol (RS), onde será decidido o futuro das demarcações de terras indígenas

30 ESTA FLORESTA TEM DONO

Mais de 80% do que resta da Mata Atlântica está nos mãos particulares. Depende deles a conservação do bioma

46 AS MONTANHAS SACRADAS

A vida nos andes peruanos é quase a mesma do tempo dos incas. Mas tudo pode mudar com o aquecimento global

55 A ÁGUA ESCONDIDA

Como aproveitar melhor e gerenciar o uso dos aquíferos subterrâneos

64 UMA TRADIÇÃO AMEAÇADA

A arte de construir canoas, símbolo dos caíguas do Urububa, pode desaparecer. Projeto tenta conservá-la

72 O CAMINHO DE UM EMERGENTE

Gigante asiático, a Índia se destaca pela ascensão econômica, mas o contraste social é enorme



SEÇÕES

- 8 HORIZONTE DO LEITOR
- 10 HORIZONTE À VISTA
- 20 HORIZONTE GLOBAL
- 30 HORIZONTE CULTURAL
- 42 HORIZONTE EM FOCO

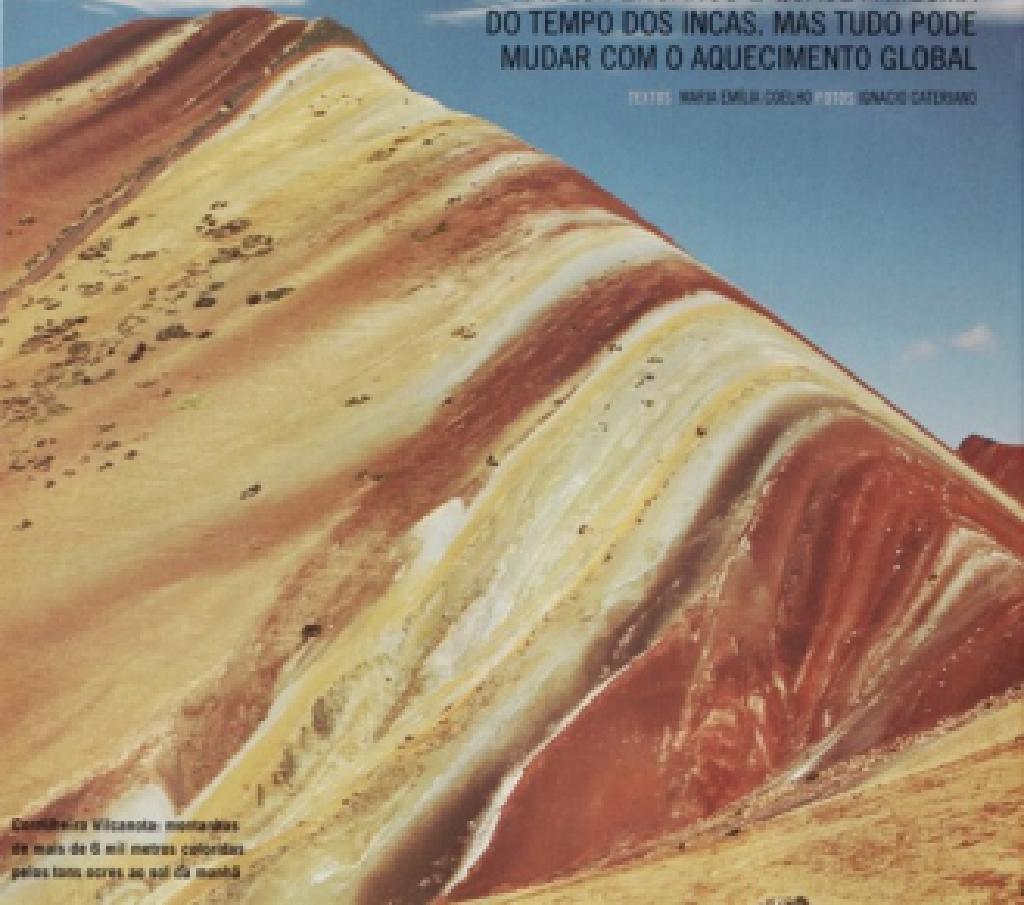
Ausangate, cordilheira de Vilcanota: altitude e gelo a mais de 5 mil metros de altitude

PERU >

As montanhas sagradas

A VIDA NOS VALES E PICOS NEVADOS DOS ANDES PERUANOS É QUASE A MESMA DO TEMPO DOS INCAS. MAS TUDO PODE MUDAR COM O AQUECIMENTO GLOBAL

TEXTOS: MARIA EMILIA COELHO FOTOS: IGNACIO CATERIANO



Centro da Vizcachita: montanhas de mais de 50 mil metros cobertas pelas lagoas azuis no sul do mundo



Passo lento e respiração profunda. Em meio ao ar rarefeito e à cegaíta branca de uma nevasca, surge Nicollana. A menina caminha firme atrás da vaca desgarrada do rebanho. Acredita que os apus, ou os espíritos das montanhas, encontram-se a seu lado e vila ajudá-la a recuperar o animal perdido. Estamos a 5 mil metros de altitude, a caminho de Ausangate, um dos picos serrados da Cordilheira Vilcanota, uma das cordas mais imponentes dos andes peruanos. Justamente por isso, é um lugar onde as comunidades rurais experimentam poucas mudanças nos costumes ancestrais. As formações gigantes, imponentes e deslumbrantes, respeitosamente chamadas de apus, ocupam o topo do panteão das divindades incas. Aqui, são as montanhas que mandam, logo descubro, enquanto o ar penosamente enche meus pulmões.

Nossa caminhada por esse solo sagrado começou na tarde anterior. Depois de três horas de

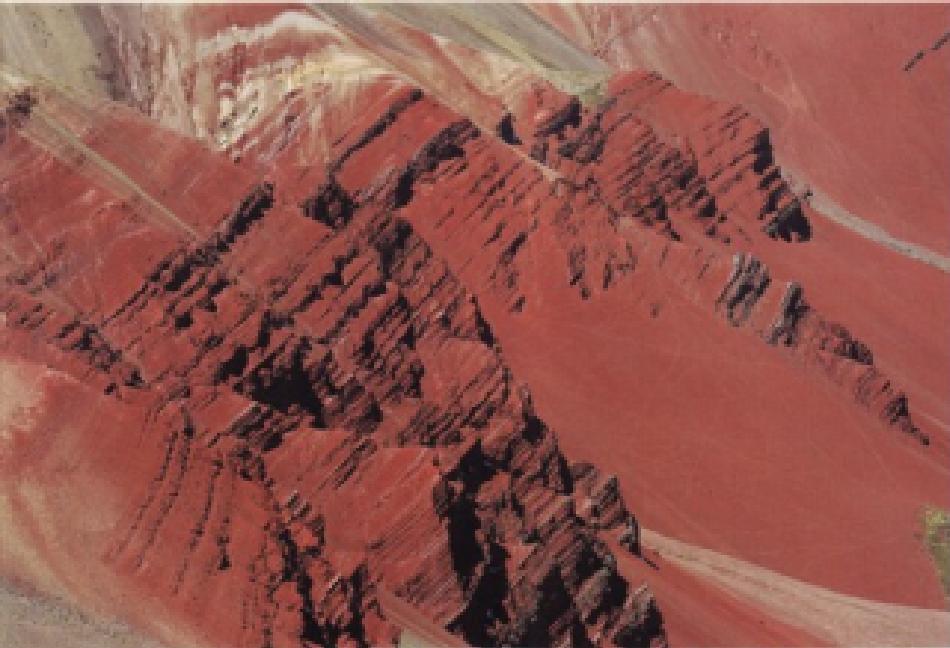
órfibus a partir de Cusco (a antiga capital inca), colocamos o pé no chão quando alcançamos o vale de Pitumarca. A partir desse ponto, são cinco dias sem energia elétrica, banho-quente e comunicação com o resto do planeta. Nesse objetivo é percorrer uma rota ainda pouco conhecida de 51 quilômetros de subidas e descidas, entre comunidades indígenas e picos nevados, até o topo, pela face sudeste do apu.

Além de ostentar o título de maior montanha do sul do Peru, com 6.384 metros, Ausangate é sagrada para os descendentes dos incas. Trata-se de uma espécie de chefe dos apus, uma autoridade suprema entre todas as montanhas. Não é pouca coisa. Na comunidade de Chillo, a 4.300 metros de altitude, os nativos contam que o apu todo-poderoso chegou a decidir batalhas para os incas diante dos invasores espanhóis. Certa vez, teria lançado uma tempestade de granizo vermelho e de relâmpagos sobre os soldados, enquanto o



Entre os povos andinos, os llamas são usados como animais de carga. Os pastores de Ausangate estão entre os pioneiros na domesticação desses animais. A prática já existia desde o tempo anterior ao domínio dos incas.

DIZ A LENDA DOS INCAS QUE A MONTANHA AJUDOU A DECIDIR BATALHAS.



Montanhas apresentam formas de rochas como a lenda que o deus sol converteu as rochas em soldados para defender Cuzco

povo se escondia da fúria de suas armas. "Craças ao apu, nossos cultivos e animais estão bonitos e saudáveis", declara o músico Orlando García, líder da comunidade.

Berço de llamas e alpacas

Ao longo do caminho, enquanto avançamos pela planície alta do vale de Pampa Uyuni, bandos de llamas e alpacas aparecem para compor o cenário. Diz a lenda que as lagunas da região são o berço sagrado desses animais, símbolos maiores dos andes. Os pastores de Ausangate estão entre os pioneiros na domesticação dos camelídeos. A atividade, que rende lã e carne, é a principal fonte de renda da população local. No entanto, está sendo abandonada pelos jovens. Ao pararmos para conversar com uma família isolada nas alturas, o pastoreiro explica que os mais novos preferem amarrar a vida em cidades como Cuzco e Lima em busca de trabalho e de uma vida com mais "confortos".



Beleza a 4 mil metros de altitude: flor da espécie Loasa granatillera, conhecida na região como mula-quiza ou urtiga-das-mulas

AS COMUNIDADES RURAIS A CONSIDERAM UM GIGANTE SAGRADO

QUELCCAYA É CONSIDERADA O MAIOR GLACIAR TROPICAL DO MUNDO, MAS ESTÁ DERRETENDO, COMO MOSTROU O FILME UMA VERDADE INCONVENIENTE



A vida nessas alturas é de fato difícil. À medida que subirmos, o clima fica mais frio e o ar mais rarefeito. A respiração parece faltar na ótiva tarefa de levar as mãos ao rosto. As roupas ganham espaço e o ar do céu pouco a pouco vira círculo. É possível sentir gelo a granel a temperatura ambiente e tempo fechar de vez. Os vapores de água da atmosfera se congelam e a neve vem abaixo. O frio vence as roupas, a pele, a carne e chega aos ossos. O fôlego some a cada passo, mas a beleza do lugar faz esquecer o cansaço. Tudo para chegar a Machu Picchu, a 4.800 metros de altura, ao pé do povoado nevado.

A paisagem branca do Quelccaya, o nevado de 5.470 metros que avistamos, me faz lembrar do documentário *Uma Verdade Inconveniente*, do ex-vice-presidente dos Estados Unidos Al Gore, vencedor de Oscar. A montanha, considerada o maior glaciar tropical do mundo, é um exemplo das estragos decorrentes do processo de aquecimento global, provocado pela crescente emissão de gases de efeito estufa na atmosfera. Segundo os cientistas, o ritmo de derretimento do Quelccaya aumentou dez vezes nos últimos 15 anos. Estudos do geólogo americano Lonny Thompson, que investiga o fenômeno no Peru desde 1974, apontam que, a longo prazo, o degelo afetará o clima e o abastecimento de água para 70% da população do país.

A ameaça ao gelo das montanhas

Para os nativos da região, no entanto, os efeitos das mudanças climáticas provocadas pelo homem já batem à porta. "Estamos preocupados", conta Orlando, diante de uma pequena lagoa formada há poucos anos pelo derretimento do gelo. "Antigamente havia muitos picos nevados. Em algumas montanhas, as neves eternas estão desaparecendo."

Parece não restar dúvida de que os apus terão muito trabalho para manter geladas as montanhas peruanas. Pensando nisso, acompanho a ofensiva à Milé Terra (Pachamarana) protagonizada pelos moradores da montanha. O ritual típico do universo religioso andino consiste em presentear a natureza com vibras, sementes e folhas de oca, enquanto a natureza responde em quichua. Nas primeiras horas da manhã, as montanhas se colorem de tons ocres – do amarelo ao vermelho, com pitadas de círculo e verde, refletindo o relevo policromático das for-



Laguna formada ao pé do nevado de Ausangate há 200 anos: despejo principal comunidades andinas



Mulheres da comunidade do Distrito rural Meniques, em cima do povoado de Soco, a 4.600 m de altitude

A menina pastora procura sua vaca desgarrada em meio a uma nevasca no vale de Ausangate. Comunidades vivem isoladas e mantêm seus costumes ancestrais.





mações geológicas de 250 milhões de anos. Avisaramos as vicunhas, espécie não domesticada do camélido andino – uma manada de 21 indivíduos, entre adultos e jovens, dá uma amostra da vida selvagem. A pelagem fina do animal tem alto valor comercial. Por décadas, esteve à beira da extinção por culpa de caçadores ilegais em busca de lã. Uma iniciativa do governo peruano em parceria com as populações indígenas mudou este cenário e a população de vicunhas cresce, em média, 8% ao ano.

O espírito dos valentes

Quando os lhamas aparecem, as vicunhas fogem, assustadas. Nossos olhos crítico são atraídos por uma formação sedimentar em tons vermelhos, amarelos e cíneas. São pedras gigantes nas quais é possível imaginar, sem muita alucinação, rostos humanos esculpidos. Conta a mitologia inca que o deus sol converteu essas montanhas em soldados, chamados de pumaracás, para defender Cusco durante a invasão do reino Chusca, antes da chegada dos espanhóis. Segundo a lenda, os guerreiros de pedra representam o espírito dos valentes.

Nesse destino é ainda mais alto a conservação de Osefina, a 4.600 metros. Ali, as mulheres usam técnicas inmemoriais para produzir tecidos de lã de alpaca. Vivem, praticamente, sem contato com o modo de vida moderno e falam apenas o quichua. "Gosto quando gente de fora vem conhecer nossa arte", conta Eulogia Antúscasa, coordenadora da Associação das Teceiras de Huayna Anta. A ideia do grupo é capacitar suas artesãs para que tecidos tingidos com plantas locais sejam comercializados mundo afora.

No caminhada de volta ao vale de Pumara, seguimos o curso das águas apresentadas pelos apus. Elas cortam os andes e formam o rio Vilcanota, que mais adiante se transforma em Urubamba para se encontrar com o Apurimac e formar o Ucayali. Este fluxo no sentido norte até se juntar ao Marañon e dar origem ao nosso rio Amazonas, nas proximidades de Iquitos. O destino das águas – das alturas andinas até as terras baixas da Amazônia – é motivo suficiente para saudarmos o Ausangate. Mas a última saudade vem à tona quando fico sabendo que, para os descendentes dos incas, essas águas retornam todas as noites aos andes pela Via Láctea, conhecida ali como rio das Estrelas.

* Os repórteres viajaram a convite das agências de turismo Andes Mountain Spirit (www.andes.com) e Andean Lodges (www.andeanlodges.com) e do governo peruano (Promperu).